

REPRESENTAÇÕES DO PRAZER E DO CORPO FEMININO EM MARINA COLASANTI E FABIANA FALEIROS

CAROLINE MARZANI *

ROGÉRIO CAETANO DE ALMEIDA **

RESUMO

Este artigo pretende revelar imagens do corpo feminino e as questões ligadas ao prazer da mulher em poemas de Marina Colasanti e Fabiana Faleiros. Para tanto, utilizamos as obras *Fino sangue* (2005), de Marina Colasanti, e *O pulso que cai e as tecnologias do toque* (2016), de Fabiana Faleiros. Ambas as poetisas trazem o olhar sensível e erótico (BATAILLE, 2017) sobre a autodescoberta corporal feminina. Analisando a história da sexualidade (FOUCAULT, 2009; 2015) e as questões de gênero, corpo (BUTLER, 2016; HARAWAY, 2009) e lugar de fala (DOLAR, 2015), discutimos a desconstrução de tabus sobre o corpo feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Marina Colasanti. Fabiana Faleiros. Corpo feminino.

INTRODUÇÃO

Aqui
onde foi abolido o hímen
úmido hífen que nos separava
Aqui
onde a língua é dinâmica
e dedos são talheres

* Técnica Pedagógica no Núcleo de Educação de Curitiba/Curitiba, Brasil, e-mail: carolinemarzani@hotmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3680-9165>

** Prof. Associado na UTFPR, Curitiba, Brasil, e-mail: rogalmeida01@hotmail.com, ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2030-7811>

Aqui
onde o grelo
destrona o falo
É rijo
É lindo
É talo

(Poema “Lugar”, Simone Teodoro,
do livro *Movimento em Falso*, 2016)

Atualmente há no país tensões e disputas políticas, econômicas, ambientais, religiosas e questões ligadas ao gênero e à sexualidade. Ao mesmo tempo em que nos deparamos com a libertação de tabus e experienciamos um avanço das conquistas feministas, convivemos com a sombra da violência contra as mulheres – estando o Brasil no quinto lugar do ranking mundial no número de feminicídios¹ – e dos mal-entendidos sobre o que é ser feminista, como agressões contra mulheres na intimidade, em redes sociais e em manifestações². Em meio a esses conflitos e conquistas, encontra-se a poesia como lugar de resistência de mulheres que dão voz a seus sentimentos, desejos, perturbações e vivências profissionais, familiares, afetivas e sexuais.

Falar de sexualidade, de uma forma geral, ainda causa receios, vergonhas, sobretudo no espaço religioso mais conservador. Quando se refere aos desejos femininos, esse receio é potencializado. Neste artigo pretendemos analisar e

1 REDAÇÃO. *Preocupação com aumento de feminicídios no Brasil motiva debate na CDH*. 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/06/17/preocupacao-com-aumento-de-femicidios-no-brasil-motiva-debate-na-cdh>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

2 Dados revelam que o número de denúncias envolvendo violência contra a mulher cresceu 1.639, 54% em 2018: cerca de 16, 7 mil queixas foram feitas. ROMANI, Bruno. *Eleição faz denúncia de crime na rede explodir; violência contra mulher se destaca*. 2019. Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,denuncias-na-internet-de-violencia-contr-a-mulher-crescem-1640-em-2018,70002708436>>. Acesso em: 29 jul. 2019. Em setembro de 2018, um ato em favor do candidato à presidência, Jair Bolsonaro, demonstrou violência contra as mulheres em Recife, pois manifestantes comparavam mulheres feministas às cadelas. CONTEÚDO, Estadão. *OAB de Pernambuco repudia funk de bolsonaristas feito contra feministas*. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/oab-de-pernambuco-repudia-funk-de-bolsonaristas-feito-contr-a-feministas/>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

comparar um poema de Fabiana Faleiros com um poema de Marina Colasanti, percebendo como as autoras abordam o erótico, a sexualidade, o desejo e o corpo feminino, compreendendo que ambas problematizam a relação do corpo e prazer, colocando a mulher como agente desse deleite. Fizemos essa escolha dos dois poemas pois consideramos que este recorte se aproximava mais da temática da sexualidade feminina como uma forma de resistência.

POESIA FEMININA BRASILEIRA

Ao buscarmos, em meio digital, a temática *poesia feminina brasileira*, nos deparamos com uma considerável produção de mulheres que tratam de todos os tipos de assunto: do cotidiano, de sentimentos, da feminilidade, do corpo, do prazer, da sexualidade, das violências sofridas por ser mulher, das tecnologias, enfim, de uma gama extensa de conteúdos. Sendo assim, foi tarefa difícil selecionarmos as poetisas que tratariam do assunto que nos interessava, o prazer feminino. Tema tabu, a masturbação feminina é ainda motivo de repulsa, ojeriza e condenação não só por homens, mas também por mulheres que foram criadas a partir de padrões que proíbem ou impossibilitam a exploração de seus próprios corpos.

É expressivo o número de representantes da poesia feminina brasileira que tratam do universo feminino: Cecília Meirelles, Lya Luft, Hilda Hilst, Adélia Prado, Ana Cristina César, Suzana Vargas, Myriam Fraga, Eunice Arruda, Gilka Machado, Olga Savary, Cora Coralina, Natasha Tinetti, Simone Teodoro, Karina Buhr, Angélica Freitas, Nina Rizzi, Adelaide Ivánova, Carla Diacov, Marina Colasanti e Fabiana Faleiros, entre tantas outras. Algumas delas se arriscam a falar da menstruação, como Marina Colasanti, outras utilizam o ato masturbatório para pintar figuras de suas obras, como Carla Diacov.

Algumas produziram poemas no começo do século passado, como Gilka Machado, outras em meados do século XX, como Olga Savary, e há ainda autoras que desenvolvem poemas com essa temática, como Natasha Tinetti. Há aquelas que produzem uma poesia ao mesmo tempo profana e sagrada, como Hilda Hilst e Adélia Prado. Outras não atuam somente na poesia, mas também se arriscam a falar do corpo e do feminino na música, na performance, nas artes visuais e no teatro, como

Karina Buhr e Fabiana Faleiros. Temos ainda aquelas que tratam da violência contra o corpo feminino, como Adelaide Ivánova e Nina Rizzi.

Outras possibilidades se relacionam a obras que discutem a homossexualidade feminina, o casamento e os filhos de forma irônica, como Angélica Freitas. Também há poetisas que usam de metalinguagem em poemas autobiográficos, como Ana Cristina Cesar. Corremos o risco aqui, ao citar essas poetisas, de deixarmos de lado outras tão relevantes quanto as mencionadas. Ou, ainda, de simplificarmos o trabalho das poetisas citadas. No entanto, fizemos tal recorte para exemplificar algumas dessas mulheres que vêm trabalhando com a temática do corpo feminino, dos prazeres, do sexo, do erotismo, da sensualidade e do ser mulher.

Trataremos mais especificamente neste trabalho de Marina Colasanti e Fabiana Faleiros. Colasanti, poeta afro-italo-brasileira, nascida em 1937 na cidade de Asmara, capital da Eritreia, colônia italiana da Etiópia. Em 1948 mudou-se para o Brasil com a família, instalando residência no Rio de Janeiro até os dias atuais. Recebeu uma formação literária desde cedo pelos pais.

Com formação em artes plásticas, Colasanti exerceu pouco essa profissão, trabalhando como jornalista no começo de sua carreira. Além das produções literárias, também possui trabalhos publicitários, traduções, atividades em televisão e ensaios. Sua primeira obra, *Eu sozinha*, data de 1968 e contém textos curtos sobre a solidão, em formato de ensaio. De lá para cá, Colasanti possui mais de 60 obras publicadas e mais de 40 prêmios literários³.

Marina Colasanti possui uma extensa produção em contos, minicontos, crônicas, prosa de ficção e poesia. Há um vasto acervo seu de contos de fadas que ressignificam o gênero. A autora reinventa ambientes idílicos de castelos, reis, príncipes, princesas, dragões e fadas, dando um toque feminista. Algumas princesas de suas histórias fazem escolhas por si mesmas e não necessariamente esperam uma vida toda por um príncipe no cavalo. Sobre ser feminista, Colasanti afirma: “Refleti sobre tudo em relação à mulher. Sou feminista de carteirinha, tenho crachá em casa” (CÂNDIDO, 2019, s/p).

Diferente desse universo dos contos de fadas, há a produção dos poemas e, ainda, a dos poemas que tratam do corpo feminino, dos fluídos corporais, da sensualidade e sexualidade feminina. É deste lugar que discorreremos aqui a partir da obra poética de Colasanti, *Fino sangue* (2005). Dessa obra, selecionamos um poema que trata do prazer

3 MARINA Colasanti- Biografia. Disponível em: <<https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

feminino, especialmente daquele realizado pela própria mulher, refletindo sobre a autonomia e o conhecimento do próprio corpo.

Fabiana Faleiros é dona do *Mastur Bar*, um bar itinerante com aulas-show sobre masturbação⁴. Faleiros é poeta, performer e artista plástica. Nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 1980, e possui graduação em Comunicação Social e Publicidade e Propaganda, mestrado em Comunicação e doutorado em Artes. Em seu doutorado, intitulado *Lady Incentivo – SEX 2018: um disco sobre tese, amor e dinheiro*, a artista-pesquisadora desenvolve uma tese sobre a construção histórica feminina branca pela perspectiva decolonial. Desenvolve performances e instalações que envolvem arte sonora e vídeo. Sua primeira obra, um livro de poemas, foi publicada em 2007 de forma independente. Em 2010, publica *Tudo o que eu escrevi e Como se escreve uma imagem* e, no ano de 2015, o livro *Lady Incentivo/Ninguém é você*. Por fim, seu trabalho *O pulso que cai e as tecnologias do toque*, de 2016, é a obra da qual retiramos um poema para interpretação neste trabalho.

QUESTÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E EROTISMO NA POESIA

Trazemos neste trabalho a apresentação das três categorias – gênero, sexualidade e erotismo – de forma separada, porém, compreendendo que são interligados. O gênero pode ser compreendido, segundo Judith Butler (2016), como as identidades que são construídas socialmente. A autora empresta estudos de Michel Foucault para reforçar que essa construção acontece em diversas instituições, como a igreja, a escola e a família, na linguagem e nos discursos. E há um interesse de normatização dos gêneros, relacionando-os diretamente com o sexo biológico em que o sujeito nasceu. Porém, o estudo de gênero compreende que existe uma interpretação múltipla do sexo, não seguida somente pelos padrões biológicos, mas, também, a partir da identificação do sujeito. É também nos estudos de gênero que refletimos sobre a mulher, seus estigmas sociais, papéis desempenhados, conquistas feministas, enfim, a compreensão da construção social feminina.

4 O *Mastur Bar* é uma instalação artística criada em 2015 por Fabiana Faleiros e conta com música, workshops, performance e objetos ligados à masturbação feminina. O projeto já percorreu várias cidades brasileiras e viajou para Cuba, Colômbia e Alemanha.

Já a sexualidade está relacionada com a orientação sexual do indivíduo. Para Guacira Lopes Louro (2008), gênero e sexualidade são aprendidos na cultura, por meio de discursos, como o religioso, o midiático e o científico. Ou seja, “as muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra.” (LOURO, 2008, p. 22- 23). Judith Butler, nesse sentido, afirma que há uma heterossexualidade compulsória, ou seja, o entendimento da heterossexualidade como natural e normal; uma obrigação social de desejar somente o sexo oposto. Algumas das poetisas que citamos contrariam esse padrão de sexualidade, pois revelam em seus poemas mulheres lésbicas, bissexuais ou mulheres que satisfazem seus desejos sozinhas.

Quanto ao erotismo, este está mais próximo dos interesses e buscas pelos desejos sexuais. Georges Bataille (2017) afirmava, no final dos anos 1950, que ocorriam nesta época importantes mudanças nas condições da vida sexual, chamadas de *revolução sexual*, e que esta possuía múltiplas significações: “Houve inicialmente o movimento de oposição às regras estreitas que paralisavam as relações dos sexos entre si. Ao mesmo tempo, a revisão de uma moral fundada sobre a noção de pecado sexual e vergonha.” (BATAILLE, 2017, 328). A revolução sexual é resultado de uma soma de eventos, como o Movimento Sufragista e Feminista, o abalo dos pós-Guerras Mundiais, o surgimento da psicanálise de Sigmund Freud e o progresso com relação ao conhecimento sobre a sexualidade.

Desde as origens da literatura, há um espaço de discussão de gênero, sexualidade e erotismo como algo relacionado à política e ao corpo como espaço político, ou ainda, o corpo do indivíduo como embate social. Marquês de Sade já o fazia nos séculos XVIII e XIX. Para Foucault, Sade é um dos grandes responsáveis pelas transformações na literatura com relação à temática da sexualidade:

A sexualidade só é decisiva para nossa cultura se falada e à medida que é falada. Não é nossa linguagem que foi, após dois séculos, erotizada: é nossa sexualidade que, depois de Sade e da morte de Deus, foi absorvida no universo da linguagem, desnaturalizada

por ele, colocada por ele no vazio onde ela estabelece sua soberania e onde incessantemente coloca, como Lei, limites que ela transgride. (FOUCAULT, 2009, p.45)

Essa transgressão de que Foucault nos fala estaria ligada, pois, ao uso da linguagem como potencializadora desse debate libertador sobre a sexualidade. O autor cita Sade como um dos responsáveis por essa transgressão, porém este não foi muito bem-aceito em sua época, tendo sido preso e colocado em um hospital manicomial (PRIETO, 2017, s/p). Fala-se muito sobre Sade, até hoje, quando lido, como uma afronta aos princípios religiosos e morais. Apontamos Sade como autor relevante neste processo de provocação sobre as discussões da sexualidade. Não nos interessa aqui resgatar toda a história da literatura de temática erótica, por isso só citaremos alguns exemplos. Outra importante autora que possibilitou a reflexão sobre temas como sexualidade e erotismo foi Virginia Woolf. A autora problematizou a figura feminina e questionou as restrições que as mulheres sofriam no período vitoriano (BATISTOTI, 2018, s/p).

Com relação à produção literária feminina brasileira, algumas autoras foram essenciais para a escrita realizada por mulheres, como Nísia Floresta Brasileira, educadora, escritora e poeta do século XIX. Nísia Floresta teve papel relevante na literatura ao discutir os direitos das mulheres, indígenas e negros. Seu primeiro livro, *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, de 1832, aborda a questão dos direitos e da igualdade de gênero. Outra brasileira pioneira na introdução da temática não apenas feminina, mas erótica também, foi a já citada Gilka Machado. Criticada por alguns autores, como Afrânio Peixoto e Mario de Andrade, e elogiadas por outros, como Lima Barreto (RKAIN, 2018, s/p), a poeta causou polêmica na publicação de sua primeira obra *Cristais Partidos*, em 1915.

Trazer poetisas femininas falando sobre o feminino é dar voz efetivamente a pessoas que vivenciam esses corpos, com seus desejos e repressões, violências e resistências. Não desconsideramos aqui a importância da voz masculina na poesia falando sobre mulheres, porém compreendemos que há uma potência em falar de um lugar ao qual realmente pertence. Mladen Dolar (2015), a partir de estudos de Jacques Derrida, afirma que não há consciência a menos que se possa ouvir a própria voz. Ou seja, é necessário que mulheres continuem produzindo suas literaturas e desconstruindo discursos sobre o que

é ser mulher, já que a voz é a intersecção entre linguagem e corpo. Sobre a importância do lugar de fala, Dolar afirma que “the voice is the junction of presence and sense” e “emitting one’s voice is the first sign of life”⁵ (DOLAR, 2015, p. 81). É por meio de nossa voz que nos posicionamos e reinventamos a imagem feminina.

O PRAZER FEMININO EM COLASANTI E FALEIROS

Contrariando a imagem do corpo feminino fechado, silenciado, sem prazer, ou possuído de prazer somente através de um homem, Colasanti e Faleiros transgridem ao trazerem imagens do prazer feminino pela masturbação. Michel Foucault (2015) reconhece que não estamos falando menos de sexo. Em outra perspectiva, o que mudou foi como se fala dele, quem fala e que tipo de discurso é autorizado. Certamente, o prazer feminino ainda é visto como tema polêmico, sendo fiscalizado, investigado e questionado pela família, pela pedagogia, pela psiquiatria e pela medicina.

O prazer feminino ficou reduzido ao casal heterossexual, ou seja, à dependência exclusiva da satisfação sexual centrada na figura masculina. Ademais, Judith Butler (2016) questiona se a própria linguagem pode ser compreendida como falocêntrica. E, nesse sentido, a própria autora apresenta o texto literário como uma máquina de guerra que pode ir contra essa divisão hierárquica de gênero. Trazemos o poema de Marina Colasanti “Pela janela aberta”, do livro *Fino sangue*, justamente para analisarmos a imagem da autodescoberta corporal feminina e da libertação sexual da mulher. Vejamos o poema:

Pela janela aberta

Se deitada de costas

Dobro as pernas afastando os joelhos

E se entre as pernas

olho

vejo ao longe a montanha emoldurada

pela encosta das coxas

canyon talhado em luz

5 “A voz é a junção da presença e do sentido” e “emitir a voz é o primeiro sinal de vida” (Tradução livre).

que se aprofunda
na escura sombra do púbis.

O vértice dos montes
se confunde
no cume arredondado dos joelhos
das vertentes escorre
a promessa de vales.

Pele
e floresta
submergem
no canto lamentoso

(COLASANTI, 2005, p.15)

A autora trabalha com a comparação do corpo feminino com elementos da natureza: montanha, encosta, *canyon*, montes e vales. Estas comparações nos fazem pensar no corpo como uma obra da natureza esculpida com várias curvas, subidas e descidas, escuridão e luz. A comparação estabelecida também faz com que o poema adquira um caráter imagético muito forte. Por exemplo, pensamos nos versos “vejo ao longe a montanha emoldurada / pela encosta das coxas” que criam o efeito de uma angulação das pernas, quando o corpo está deitado para a relação sexual e/ou a masturbação, similar às fotografias do monte Fuji. Esta imagem se complementa com os versos da estrofe seguinte “no cume arredondado dos joelhos / das vertentes escorre / a promessa de vales.”. Aqui, além da contribuição à imagética do poema, temos uma alegoria do corpo como algo divino: além de ser um corpo-prazer, há uma relação do corpo com a natureza, que, em determinada perspectiva, podemos associar com Gaia. Além disso, inevitavelmente, associamos Eva e seu corpo no Paraíso perdido bíblico. Retornando à primeira estrofe, exploraremos o uso do termo *canyon*. Este profundo barranco pode ser comparado com a genitália feminina – o corpo divinizado retorna à sua humanidade.

No poema ele aparece “talhado em luz”, como se o humano e o divino tomassem o mesmo espaço para si – o corpo da mulher. Sobre a simbologia da luz, ela pode significar: conhecimento, esperança, confiança, força renovadora, a manifestação do divino, o

bem, a vida e o despertar. Ou seja, a genitália seria o lugar divino, da força feminina, do sagrado, mas, inevitavelmente, é um órgão do corpo real. Essas características revelam a força feminina, além de uma beleza sublime e sacralizada.

A voz do poema é feminina, portanto vemos o eu lírico numa experiência de autocontemplação, sabendo-se, paradoxalmente, corpo e parte de uma natureza imaculada e imaculável. Nesse corpo, substância una e indivisível do universo e da natureza, percebe-se sexualidade e sensualidade – a mulher contempla seu próprio corpo (ou de outrem), e o percebe, possibilitando um toque das mãos nessa substância da natureza que as pertencem no instante do olhar. Neste sentido, o poema deixa de ser apenas imagético para se tornar tátil-imagético, o que quase possibilita uma sinestesia. Além disso, temos as metonímias *pernas e joelhos*, e ainda as palavras *costas, coxas e púbis* revelando esse reconhecimento do espaço corporal e a finitude desse corpo-natureza.

Na terceira estrofe vemos os versos “das vertentes escorre / a promessa de vales”. Pensando na imagem do vale como região com águas, poderíamos compreender que é um futuro gozo, ou a imaginação do que poderia ter sido, mas não se efetivou. Se verter água é a vida se manifestando, o vale, essa genitália que se impõe como oposição às montanhas, é o espaço de efetivação da conjunção entre o real e o celestial. A carne e o espírito, o terrenal e o celestial, o silêncio e o toque são uma combinação entre o corpo e o universo. Nada como a “pele” para ser o limiar entre o restrito e o absoluto. Ocorreu a sublimação.

No entanto, esta sublimação retoma a natureza (pelos pubianos) como algo que “submerge”, ou seja, se mostra a quem é capaz de entender essa manifestação do sublime desse corpo-natureza, quase manifesto no divino. Ainda, na terceira estrofe os versos “Pele / e floresta / submergem” estão dispostos como em formato de uma escada ou morro – através do contato com o corpo, pele, há uma ascensão. Texto e pele submergem juntos, mostrando que há lugares recônditos tanto no corpo quanto no poema. Este último, também parte dessa substância una e indivisível do universo, mostra sua carnadura, a palavra.

Nos dois últimos versos, “no canto lamentoso / das cigarras”, podemos entender que a eu lírico encontra-se sozinha, apenas a ouvir o cantar dos insetos. A cigarra, esse inseto negligente, dá sinais de que o corpo, o universo, a natureza, enfim, tudo se permite um pequeno relaxamento. Esse relaxamento não seria um silencioso orgasmo distraído? E este som parece vir de fora, já que a janela está aberta, como vemos no título do poema,

ou vem de dentro, porque o vale encontra a montanha, porque o vale é montanha, e o dentro é fora, porque a imagem da janela se abrindo só pode ocorrer, delicadamente, de dentro para fora. Se o mundo se abre para o corpo, o corpo também se abre para o mundo, e é assim que ocorre a sublimação.

Passando para o poema-manifesto-aula de Fabiana Faleiros, selecionamos “Aula-show I (Introdução sem microfone)”:

Aula-show I (Introdução sem microfone)

Boa noite. Estamos no *Mastur Bar*
Vocês são xs alunxs. Alunx é sem luz
A é igual a não. Lunx é igual a luz
Vocês trouxeram o celular? Essa luz que vem de dentro?
Deixem no modo vibrador
Aqui o celular é masturbar

Queria avisar que eu falo devagar
Lânguida é xoxa, molenga, debilitada
Então quando vocês forem falar
por favor não me imitem
O jeito de falar pega, assim como os gestos que vamos fazer hoje nos
pegaram
Não sei como é que essa voz veio parar no meu corpo
mas até os taxistas acabam falando como eu numa corrida
Quando me escuto neles engrosso a voz

A aula de hoje é para você, mulher que tem as mãos pequenas. É para mulher que faz a mão na manicure. Para quem é *Miss*, que faz o aceno real ou aceno de cortejo com a mão na vertical, leve torção do pulso com os dedos em concha. Essa aula é para a princesa Kate Middleton, nora da Lady Di, que tem uma coleção de carteiras *clutches* e gruda elas no ventre com as mãos e com dinheiro lá dentro. É para as que querem digitar mão mas digitam mãe. É para as mãos lisas, para as mãos sujas. Para as

mulheres casadas, para as frígidas, solteiras, lésbicas. Para as siriricas, para as mulheres que não têm habilidade com as mãos, para as que digitam sem olhar para a tela. É para as que servem, para as secretárias, para as que tomam pílula, para as garçonetes que têm a palma da mão virada para cima, o contrário de um *pulso que cai*. A aula de hoje é para você homem. Os homens que beijam a mão da mulher, que tiram a mulher para dançar, pegando primeiro com as mãos. Os que tiram a mulher do carro e dão socos com o punho fechado. Para os que batem punheta. Para os que praticam masturbação mental. Para os que jogam futebol com os pés e aproveitam o momento inútil da mão. Para o goleiro que pode tocar na bola e defender um território. A aula de hoje é para os homens que pensam sem as mãos, para os que sabem cozinhar, para os que não sabem dar boquete. É para os homens que têm um cérebro na mão envelhecida antes do rosto, do resto. Para a mão que foi separada do corpo pela garfa, pelo faco. É para o homem com o dedo polegar oposto a todos os outros. Para os que usam as mãos para curtir, para fazer pinça. É para os que têm artrite, artrose, osteoporose. É para o Eduardo Cunha, para o homem que rói unha. (FALEIROS, 2016, p. 15)

O poema de Fabiana Faleiros possui um formato linguístico de provocação, similar ao de um manifesto que serve a todos que estão no *Mastur Bar* para aprender – homens, mulheres, todos os leitores do gênero que preferir. O uso da letra “x” para designar o gênero contribui para esse entendimento. Diferentemente do que vemos no poema de Colasanti – um eu lírico que traz imagens do deleite solitário feminino –, no texto de Faleiros encontramos um poema-manifesto-aula para todos os públicos, mesmo o masculino. Como extensão disso, o terceiro verso demonstra que a letra “ã”, marcador de feminino em língua portuguesa, é igual ao não, à negação de todos os direitos, inclusive sobre o próprio corpo. Mas focaremos na voz do eu lírico que se direciona para as mulheres.

Na primeira estrofe, o eu lírico-apresentador se identifica e coloca o leitor-espectador em um lugar de aluno ou ainda, de *alunx*, admitindo que o assunto a ser tratado é de pouco conhecimento: o prazer e descoberta corporal. Ainda, na primeira estrofe, visualizamos a relação entre o corpo e o prazer através da tecnologia do celular. No entanto, destacamos que o termo possui uma homonímia com a célula, unidade

mínima estrutural dos seres vivos. Então, esse orgasmo, que vem do celular, “luz que vem de dentro”, carrega na homonímia uma espécie de simbiose entre o humano e a máquina. Essa metamorfização, diversa de uma zoomorfização e de uma personificação, ocorre numa sensibilidade diversa da tradicional. Nesta obra, Fabiana Faleiros propõe várias intersecções que possuem essa lógica.

Donna Haraway, em seu *Manifesto ciborgue*, discute também essas aproximações entre silício e orgânico, do híbrido corpo e máquina, “uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (HARAWAY, 2009. p. 36). A essa criatura se dá o nome de ciborgue, um ser de um mundo pós-gênero, em que o conceito de mulher é desnaturalizado, as polaridades e dominações hierárquicas são questionadas e fronteiras são transgredidas.

Nesse sentido, Faleiros propõe algo similar sobre as relações do corpo humano com um aparato tecnológico: o celular não é usado apenas para acessar mensagens, ligações e redes sociais, mas também para o prazer. Ademais, sobre estas relações de corpo e máquina e sobre a utilização da máquina para outros fins, Donna Haraway afirma que “as tecnologias de comunicação e as biotecnologias são ferramentas cruciais no processo de remodelação de nossos corpos. Essas ferramentas corporificam e impõem novas relações sociais para as mulheres no mundo todo.” (HARAWAY, 2009, p. 64).

O celular, esse *sex toy*, remodela o corpo na medida em que é utilizado para acessar vídeos e imagens que estimulem o desejo ou, ainda, quando é usado para pesquisas sobre o corpo e quando é utilizado para registrar imagens e vídeos do corpo e do sexo, além de ser um aparato tecnológico, como todos o são, que, a partir do momento em que é inserido em um determinado contexto social, modifica a sociedade e, metonimicamente, os corpos. Então, essas reverberações audiovisuais reconstróem a ideia que se tem sobre o próprio corpo e, por extensão, modifica o prazer corporal.

Aqui, retomamos a referência que se faz a uma luz na primeira estrofe do poema: “Vocês trouxeram o celular? / Essa luz que vem de dentro?”. Essa luz pode estar representando tanto a luz do celular como também do próprio sexo, ou de aura humana, aproximando-se do poema “Pela janela aberta”, de Colasanti, afinal, novamente, o exterior e o interior se tornam únicos nessa tomada de consciência do universo através do orgasmo.

Na segunda estrofe, a voz do poema observa que é lenta e debilitada, como se estivesse cansada e ainda afirma que “Não sei como é que essa voz veio parar no meu corpo”. Podemos interpretar essa voz lânguida como aquela do relaxamento pós-orgástico, de um corpo

esgotado. Antes disso, ressaltamos no início da estrofe o uso da palavra “falo”. Há um duplo sentido em seu uso, se pensarmos que o poema possui uma temática erótica.

Na estrofe-parágrafo subsequente, a voz do poema diz qual o público-alvo da Aula-show: a aula é para mulheres famosas, como para simples, para mulheres casadas e solteiras, heterossexuais e lésbicas, ou seja, para todas aquelas que têm ou querem o *pulso que cai*. Fabiana Faleiros traz a ideia do *pulso que cai* simbolizando a mão que se permite a masturbação, a mão que cai e se deleita no toque do corpo. A grande lição, então, é fazer com que as mulheres usem suas mãos para a autossatisfação que o auto-toque proporciona. Se retomarmos as estrofes anteriores, também podemos associar essa busca pelo prazer com tecnologias inventadas para o prazer ou não, como o celular.

Na última estrofe-parágrafo, vemos que a Aula-show se destina também aos homens. Para todos os tipos de homens e mãos masculinas, desde as mais delicadas, que tiram para dançar e cozinham, como para as agressivas, que batem de punho fechado ou as que defendem uma bola em um gol. No caso dos homens, o aprendizado está no fato de que a mulher tem direito sobre o próprio corpo e, portanto, de proporcionar a si mesma a satisfação.

Faleiros desestabiliza a visão da mão masturbatória como algo ligado ao sujo, ao pecaminoso e mesmo doentio. A autora, nesta mesma obra, mas em outro poema, lembra que durante o século XVIII houve um projeto médico/institucional proibindo o ato: “Tire a mão daí. A masturbação é um ‘abuso de si’. O perigo está no próprio corpo. Não era preciso ter uma relação sexual para contaminar.” (FALEIROS, 2016, p. 61). A masturbação era tida como causadora de histeria, epilepsia e loucura, conceito que duraria até início do século XX, com as ideias da Psicanálise. Alguns séculos se passaram desde então, porém, ainda há muita desinformação sobre a autodescoberta corporal, aliada a preconceitos de ordem religiosa. Para as mulheres, esse olhar repressivo ainda é mais evidente. E é por meio da ironia e ousadia que Faleiros desconstrói esse tabu: “[...] rir de categorias sérias é indispensável para o feminismo” (BUTLER, 2016, p. 9).

Comparando o poema de Colasanti com o de Faleiros percebemos que ambos tratam da descoberta do corpo e do prazer pelo toque, além de trazerem o erotismo ao retratar este tema. Em Faleiros, todos são alunos, homens e mulheres. Na aula-show, há uma intenção de que todos ouçam e tentem redescobrir o prazer e o corpo. Em Colasanti, a experiência é mais íntima e solitária e dirige-se a uma figura feminina, haja vista o substantivo feminino na primeira estrofe: “Se *deitada* de costas”. Contudo, os

poemas das autoras, escritos em versos livres e brancos, propõem a beleza do toque, especialmente aquele realizado pela própria mulher em seu corpo, permitindo-se a exploração e vivências prazerosas: é o encontro consigo mesma, o conectar-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos poemas de Marina Colasanti e Fabiana Faleiros podemos perceber que as poetisas transgridem a imagem do corpo fechado e do prazer feminino como algo errado, sujo ou mesmo doentio. As autoras apresentam a descoberta do corpo feminino através da contemplação e do toque, que podem ser realizados por si mesma ou por outrem. Além disso, ambas tratam de forma erótica uma redescoberta e uma vivência no prazer, algo como tornar-se o que se é.

Consideramos relevante trazer essa discussão a partir do fato de que a poesia, seja a de ontem ou a de hoje, demonstra que ainda há uma distorção acerca do corpo e do desejo feminino, ainda mais se pensarmos que os poemas foram escritos num país que figura entre os que mais praticam o feminicídio. Ambas as autoras também se aproximam, além do tratamento do conteúdo, exaltando o corpo e o prazer feminino, na forma em que escrevem, pois utilizam-se de versos livres e brancos. Para os dias atuais, em que a discussão sobre machismo e feminismo está em alta⁶, é imprescindível discutirmos sobre literaturas femininas que apresentam a beleza e o sensível da mulher e a colocam como agentes de seu prazer; refletir sobre esse conteúdo é, inevitavelmente, pedagógico.

6 Citamos alguns exemplos de lugares onde estas discussões estão acontecendo: as manifestações lideradas por mulheres brasileiras em 2018, intituladas #EleNão, em repúdio ao então candidato à presidência, Jair Bolsonaro; as séries televisivas, como *O conto da Aia*, baseada no livro homônimo, e *Supermães*; livros sobre feminismo, como *Feminismo para os 99%* (Cinzia Arruzza e Nancy Fraser), *Não sou dessas* (Lena Dunham), *Mulheres que correm com lobos* (Clarissa Pinkola Estés), *O que é lugar de fala?* (Djamila Ribeiro), *Feminismo em comum* (Márcia Tiburi), *Sejamos todos feministas* (Chimamanda Ngozi Adiche) e *O feminismo é para todo mundo* (bell hooks); canais de YouTube, como *Tese Onze*, *Jout Jout Prazer*, *Põe na roda* e *Canal das Bee*.

REPRESENTATIONS OF PLEASURE AND THE FEMALE BODY IN MARINA COLASANTI AND FABIANA FALEIROS

ABSTRACT

This article aims to reveal images of the female body and the issues related to the pleasure of women in poems by Marina Colasanti and Fabiana Faleiros. To this end, we use the Works *Fino sangue* (2005), by Marina Colasanti, and *O pulso que cai e as tecnologias do toque* (2016), by Fabiana Faleiros. Both poets bring the sensitive and erotic viewpoint (BATAILLE, 2017) about the act of masturbating, especially performed by women. Analyzing the history of sexuality (FOUCAULT, 2009; 2015) and gender and body (BUTLER, 2016; HARAWAY, 2009) and speaking place issues (DOLAR, 2015), we discuss the deconstruction of taboos about the female body.

KEYWORDS: Marina Colassanti. Fabiana Faleiros. Feminine body.

REPRESENTACIONES DEL PLACER Y DEL CUERPO EN MARINA COLASANTI E FABIANA FALEIROS

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo revelar imágenes del cuerpo femenino y las cuestiones relacionadas con el placer de la mujer en poemas de Marina Colasanti y Fabiana Faleiros. Utilizamos las obras *Fino sangue* (2005) de Marina Colasanti, y *O pulso que cai e as tecnologias do toque* (2016), de Fabiana Faleiros. Las obras literarias aportan una mirada sensible y erótica (BATAILLE, 2017) al acto de la masturbación, especialmente la realizada por mujeres. Analizando la historia de la sexualidad (FOUCAULT, 2009; 2015) y las cuestiones de género y cuerpo (BUTLER, 2016; HARAWAY, 2009) y lugar del habla (DOLAR, 2015), discutimos la desconstrucción de los tabúes sobre el cuerpo femenino.

PALABRAS CLAVE: Marina Colassanti. Fabiana Faleiros. Cuerpo femenino.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, George. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BATISTOTI, Vitória. Virginia Woolf: conheça 7 curiosidades sobre a escritora. 2018. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/03/virginia-woolf-conheca-7-curiosidades-sobre-escritora.html>>. Acesso em: 29 jul. 2019.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- JORNAL CÂNDIDO. *Um Escritor na Biblioteca- Marina Colasanti*. 2017. Disponível em:<<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1396>>. Acesso em: 28 jul. 2019.
- COLASANTI, Marina. *Fino sangue*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- DOLAR, Mladen. What's in a Voice? *Literatura e Sociedade*, [s.l.], n. 18, p.79-90, 13 mar. 2015. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i18p79-90>.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, [s.l.], v. 17, n. 49, p.151-172, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142003000300010>.
- FLORESTA BRASILEIRA, Nísia. *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Rio de Janeiro, Editora Cortez, 2001 [1832].
- FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Ditos & Escritos; 3)
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhaon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MACHADO, Gilka. *Cristais Partidos*. Rio de Janeiro: sem editora, 1915. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=130330>>. Acesso em 31/03/2024.

OLGA, Think. *A literatura erótica como emancipação feminina*. 2017. Disponível em: <<https://thinkolga.com/2015/01/11/a-literatura-erotica-como-emancipacao-feminina/>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

PRIETO, Beatriz. *Curiosidades sobre o Marquês de Sade*. 2017. Disponível em: <<https://www.aliancafrancesa.com.br/novidades/curiosidades-sobre-o-marques-de-sade/>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Submetido em 27 de maio de 2023

Aprovado em 11 de abril de 2024

Publicado em 30 de maio de 2024
